

RESENHA:

AGRICULTORES FAMILIARES, AGROINDÚSTRIAS E

**TERRITÓRIO: A dinâmica das redes de desenvolvimento rural
no Oeste Catarinense.**

Esta resenha é baseada na tese defendida por **Luiz Carlos Mior**, em 15 de agosto de 2003, no Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas (PPGICH) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora orientadora: **Julia Silvia Guivant** e a Co-orientação de **Terry Marsden**.

Por: Clovis Dorigon

Pesquisador da Epagri, Mestre em Desenvolvimento, Sociedade e Agricultura pela CPDA (UFRRJ) e Doutorando em Engenharia de Produção pela COPPE (UFRJ).

O Desenvolvimento Regional constitui tema de importância crescente nas agendas dos governos e das instituições que buscam a construção de alternativas visando enfrentar problemas sociais e ambientais que afligem nosso País, como o empobrecimento, a concentração de renda, o inchaço das grandes cidades e a degradação dos recursos naturais.

Em que pese a grande dificuldade no enfrentamento desse desafio, identificam-se, em cada região brasileira, potenciais, que devem ser analisados, explicitados e postos a serviço da promoção do desenvolvimento, a partir de um enfoque regional, como tem sido feito por vários autores com relação ao Oeste Catarinense, região, sem dúvida, emblemática para os estudiosos de processos de desenvolvimento rural, considerada até

a poucos anos como exemplar para o Brasil, como modelo de desenvolvimento e equidade social.

Essa visão idealizada começa a se alterar a partir de meados dos anos 80, por diversas causas, entre as quais, a estratégia das grandes agroindústrias de concentrar a produção de suínos em um pequeno número de estabelecimentos rurais, ampliando dramaticamente, ao mesmo tempo, os problemas sociais e ambientais. Embora já houvesse uma percepção difusa dos problemas enfrentados pela Região, é, sobretudo, a partir da publicação do trabalho de Testa e outros¹ que a situação começa a ser percebida de forma sistematizada, com suas conseqüências atuais e previstas.

Tem início então um intenso e rico processo de discussão. A preocupação em encontrar alternativas começa a mobilizar os diversos atores implicados. A essa publicação, segue-se uma série de outros estudos como, por exemplo, pesquisas realizadas por Wilkinson², Abramovay e outros³ e Silvestro e outros⁴. Estas duas últimas pesquisas apontam para um acelerado êxodo rural e regional, sobretudo dos jovens, levantando a possibilidade de, em alguns anos, não haver uma nova geração de agricultores que queiram seguir a profissão de seus pais, o que colocaria em risco a continuidade da agricultura familiar.

Embora esse processo de êxodo rural esteja em curso – e não há evidências maiores de que esteja sendo revertido, a tese *“Agricultores familiares, agroindústrias e território: dinâmica das redes de desenvolvimento rural no Oeste Catarinense”* marca uma importante inflexão nas análises desenvolvidas até então, apontando caminhos promissores para o desenvolvimento regional.

Partindo do objetivo de *“identificar e analisar as trajetórias de agroindustrialização das empresas convencionais (industriais e de grande porte), das familiares rurais (artesanais e de pequeno porte) e seu inter-relacionamento, como parte do processo mais geral de emergência e evolução de novos padrões de desenvolvimento rural e regional no Oeste Catarinense”*, Mior realiza uma vasta pesquisa de campo e documental, obtendo um

¹ TESTA, Vilson; NADAL, Raul De; Mior, Luiz Carlos; BALDISSERA, Ivan Tadeu; CORTINA, Nelson. *O Desenvolvimento Sustentável do Oeste Catarinense. (Proposta para discussão)*. Florianópolis, EPAGRI, 1996. 247 p.

² WILKINSON, John. *Integração regional e o setor agroalimentar nos países do Mercosul: a produção familiar na encruzilhada*. Ensaios FEE, Porto Alegre, 1996. p. 155-184.

³ ABRAMOVAY, Ricardo; SILVESTRO, Milton Luiz, CORTINA, Nelson; BALDISSERA, Ivan Tadeu; FERRARI, Dilvan; TESTA, Vilson Marcos. *Juventude e agricultura familiar: desafios dos novos padrões sucessórios*. Edições Unesco, 1998. 101 p

⁴ SILVESTRO, Milton Luiz; ABRAMOVAY, Ricardo; MELLO, Márcio Antônio; DORIGON, Clovis; BALDISSERA, Ivan Tadeu. *Os impasses sociais da sucessão hereditária na agricultura familiar*. Florianópolis: Epagri; Brasília: NEAD/Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2001. 102 p.

impressionante conjunto de dados empíricos, que são analisados à luz de um arcabouço teórico que integra as contribuições das *Redes Sociais* (redes verticais e horizontais) desenvolvida por Murdoch e outros, com as *Redes Sociotécnicas* desenvolvida por Latour, Callon, Law, dentre outros, conformando, assim, um poderoso referencial de análise.

A tese parte de uma reflexão sobre as distintas abordagens a respeito do desenvolvimento rural, analisando o que há de mais atual na literatura que trata dessa problemática em tempos de globalização. Aborda a mudança rural a partir da política de globalização do sistema alimentar, a localização, a diversidade, as noções de cadeia produtiva e de *cluster* e as distintas possibilidades de inserção da agricultura. Faz também um resgate do debate brasileiro acerca do desenvolvimento rural, a partir das principais correntes que discutem a reinserção da agricultura familiar.

O referencial teórico das redes horizontais e verticais de desenvolvimento rural parte do princípio de que os novos padrões de desenvolvimento rural não são apenas a adição de novas atividades no espaço rural, mas, sobretudo, que esses novos padrões envolvem a construção de novas redes, a revalorização de recursos, a coordenação e a reconfiguração do social e do material e o uso renovado do capital social, cultural e ecológico.

O autor desenvolve uma perspicaz análise histórica da ação das grandes agroindústrias convencionais no Oeste Catarinense, tema que já havia abordado na sua dissertação de mestrado, premiada pela Sociedade Brasileira de Sociologia e Economia Rural (SOBER) em 1993, atualizando o debate e retomando o tema sob um outro referencial teórico. Dentre outras questões, o autor identifica o amadurecimento do *cluster* agroindustrial de suínos e aves e descreve os movimentos das agroindústrias convencionais a partir de redes verticais. Discute, sobretudo, a relação da internalização e externalização de suas atividades, bem como a conquista de novos mercados, em especial, o europeu e a expansão produtiva em novos espaços regionais, no caso o Centro-Oeste do Brasil.

Em suas análises, o autor discute que a ação dessas grandes empresas estaria norteadas pela implementação na região de padrões tecnológicos mundialmente adotados, como patamares de qualidade sanitária, ambiental e de produto exigidos pelos mercados externos. Aqui, uma questão em especial merece ser destacada: o amadurecimento do *cluster* carne, propiciando condições para a entrada de novos agentes no processo de

agroindustrialização, fato demonstrado pelo surgimento de novas agroindústrias de aves na região.

Essa constatação é de suma importância, pois permite visualizar uma maior diversificação dos atores econômicos, apontando para a construção de uma certa autonomia regional com respeito às grandes agroindústrias. Assim, o fantasma representado pela possível mudança das grandes agroindústrias para o Centro-Oeste, evocado de tempos em tempos de acordo com a conjuntura, parece que perde força, o que pode ter importantes desdobramentos para o futuro da região. Como exemplo, poderíamos apontar a possibilidade de uma revisão do PRODEC Agroindustrial⁵ e um aumento na cobrança junto às agroindústrias em relação ao seu maior comprometimento para resolver os problemas ambientais causados pelas criações de seus integrados e até mesmo, a discussão de contratos de integração mais simétricos, em que os integrados pudessem ampliar seus direitos.

A pesquisa faz também uma exaustiva análise das políticas públicas nos vários níveis e das mudanças em favor do desenvolvimento das novas formas de inserção da agricultura familiar, sobretudo em relação à estratégia de agregação de valor. Aqui, cabe ressaltar sua percepção a respeito da construção de uma nova forma de regulação do desenvolvimento agrícola e rural que está em processo de construção: a constituição das redes horizontais de desenvolvimento regional, que oportuniza a crescente participação dos atores locais e regionais. O autor mapeia as principais experiências de agroindustrialização familiar rural, num esforço de “seguir os atores”, de acordo com a terminologia da Teoria do Ator-Rede, dando voz aos agricultores e mostrando como estes mobilizam recursos sociais e naturais internos e externos no processo de construção de suas agroindústrias.

Das entrevistas e dos dados discutidos, surge um “novo agricultor”, que vai muito além de um mero produtor de *commodities*, passando a desempenhar o papel de um empresário habilidoso e perspicaz, que consegue, ao mesmo tempo, mobilizar seus conhecimentos tradicionais, adquirir novos conhecimentos, usar laços de amizade e confiança para se associar com seus vizinhos e montar suas agroindústrias, comercializar seus produtos e inserir-se em redes formadas por organizações do Estado, Sebrae, ONGs, prefeituras e outras, com o objetivo de viabilizar seu empreendimento. Fica evidente a capacidade e o

⁵ Programa de Desenvolvimento Agroindustrial Catarinense.

Seu texto claro e objetivo nos mostra que rigor científico é compatível com leitura prazerosa.

Os atributos descritos acima, aliados à capacidade do autor de identificar cursos de pós-graduação de indiscutível qualidade e orientadores brilhantes, compõem a fórmula para uma segunda premiação pela Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural (Sober) – agora como melhor tese de doutorado do ano de 2004 em Sociologia Rural.

